

A ENERGIA DA RAIVA NA POLÍTICA

A RAIVA COMO FORÇA COLETIVA E MAGNÉTICA

Tópico: A raiva não é apenas um estado emocional individual. Quando milhões de pessoas a cultivam ao mesmo tempo, ela se soma e forma uma massa energética capaz de alterar o ambiente psíquico de toda uma cidade, de um país, do mundo inteiro. É o que se percebe em períodos eleitorais, sobretudo nas vésperas e no encerramento de uma votação, quando o ar parece mais pesado, as pessoas ficam mais irritadas sem motivo claro, brigam por assuntos pequenos e sentem dor de cabeça, náusea e inquietação. Não se trata de imaginação, nem de psicologia de massas apenas. Há um processo energético real em jogo. A divisão política funciona como um mecanismo que mantém as pessoas vibrando em frequência baixa, e essa frequência baixa é justamente o combustível preferido de certos níveis da existência. A raiva que se espalha não é um acidente, ela é cultivada, instigada e depois colhida. Cada pessoa que se deixa incendiar cede uma parte de sua vitalidade sem perceber que está pagando a conta de uma disputa que não é sua.

Pesquisa Teosófica: No livro *A Sabedoria Antiga*, Annie Besant ensina que o desejo e a emoção vivem no corpo astral, e escreve que *a matéria astral de cada subplano encontra-se no*

corpo astral em decomposição, na proporção em que a mente se deixou absorver e invadir pelas paixões inferiores. No livro O Plano Astral, Charles Leadbeater registra que as criaturas em que predominavam os desejos inferiores e as paixões grosseiras sentem por vezes estas extraordinariamente intensificadas. A

raiva repetida vai gastando o veículo pelo qual circula e prende o homem ao seu próprio grau de vibração, pois cada surto de raiva cava mais fundo o sulco em que a consciência passa a se mover.

Dica de Aprofundamento: A dica de aprofundamento é estudar em O Plano Astral, de Charles Leadbeater, o capítulo que trata dos desejos inferiores e das paixões grosseiras, observando como cada emoção cultivada molda a matéria do corpo astral e limita o campo de percepção de quem a alimenta.

A LAVAGEM CEREBRAL E O TOTALISMO IDEOLÓGICO

Tópico: A mente humana pode ser conduzida. O psiquiatra Robert Jay Lifton, estudando ambientes de reforma do pensamento, descreveu oito características do totalismo ideológico que aparecem em qualquer sistema que queira controlar a consciência. A primeira é o controle do ambiente, ou seja, o controle de como a informação circula e de quais versões são permitidas. A segunda é a manipulação mística, em que acontecimentos e experiências são apresentados como prova de uma missão superior, e a autoridade passa a parecer acima de qualquer questionamento. A terceira é a exigência de pureza, que transforma a vida moral numa separação rígida entre puros

e impuros, nas quais qualquer nuance passa a parecer contaminação. A quarta é o culto da confissão, em que a exposição das falhas pessoais serve para vigiar, submeter e controlar pelo grupo. A quinta é a ciência sagrada, uma doutrina que recebe autoridade absoluta e é colocada acima da crítica, ainda que não seja ciência alguma. A sexta é a linguagem carregada, que comprime situações complexas em rótulos prontos e interrompe o pensamento antes que ele se complete. A sétima é a criação do inimigo, que sempre precisa existir para que o grupo se mantenha coeso, e a oitava é o medo, com ameaças de que algo será destruído ou perdido caso a pessoa não permaneça onde está. O mais importante é compreender que esse mecanismo não pertence a um único lado, nem é exclusividade da política. Ele funciona em religiões, seitas, empresas e grupos de qualquer natureza.

Pesquisa Teosófica: No livro *A Chave para a Teosofia*, Helena Blavatsky registra que *encontramos, antes de tudo, dois seres distintos no homem; o espiritual e o físico, o homem que pensa, e o homem que registra tanto desses pensamentos quanto é capaz de assimilar*. A lavagem cerebral explora justamente essa distância entre o que se pensa e o que se absorve, pois o rótulo pronto ocupa o lugar do pensamento antes que o pensamento aconteça, e o homem passa a registrar apenas o que lhe foi entregue já elaborado. E Blavatsky adverte, na mesma obra, que *é um mistério, antes; um processo oculto pelo qual pensamentos e desejos finitos e condicionados, incapazes de serem assimilados pelo espírito absoluto que é incondicionado, são traduzidos em vontades espirituais e na vontade*. Aquilo que se

pensa de modo condicionado e repetido acaba por se traduzir em vontade, e a vontade conduzida de fora deixa de ser livre.

Dica de Aprofundamento: A dica de aprofundamento é pesquisar as oito características do totalismo ideológico de Robert Jay Lifton e compará-las, uma a uma, com os ambientes de pensamento que cercam a vida cotidiana, observando quantas delas operam de modo silencioso sem que se perceba.

A CRIAÇÃO DO INIMIGO E O RÓTULO QUE AUTORIZA NÃO OUVIR

Tópico: Um dos primeiros sinais de qualquer processo de lavagem cerebral é a criação do inimigo. É preciso que haja um adversário definido para que o grupo permaneça unido, e esse adversário dispensa provas. O passo seguinte é o rótulo. Quando alguém resume outra pessoa inteira numa única palavra, chamando-a de gado, de petralha, de comunista, de fascista ou de isentão, o rótulo passa a valer como autorização para não ouvir. Já não é mais necessário escutar o argumento, entender a dor, avaliar o raciocínio, pois a categoria substitui a pessoa. É um ponto decisivo, porque interrompe o pensamento. Existe ainda uma força contrária que pune a neutralidade, pois quem se recusa a tomar partido é acusado de não ajudar a sociedade e de só pensar em si, como se a isenção fosse uma traição. O resultado é que quase ninguém pode permanecer apenas pensando. A pergunta que se deve fazer é simples e incômoda, e consiste em saber se existe alguma evidência que

faria mudar de ideia. Se não existe, então não é convicção, é uma fé sectária que se instalou no lugar do discernimento.

Pesquisa Teosófica: No livro O Dhammapada, ensinamento clássico do Budismo, está escrito que *nesse mundo a inimizade nunca é eliminada pelo ódio*, e também que *seja o que for que um inimigo faça contra outro inimigo, e seja o que for que alguém com ódio faça contra outra pessoa com ódio, uma mente mal dirigida causará um prejuízo muito maior*. Em outra passagem, o mesmo texto diz que *ele me insultou, ele me bateu e dominou, e depois me roubou, e quem expressa tais pensamentos amarra sua mente à intenção de vingar-se, e em tais pessoas o ódio não cessa*. A criação do inimigo alimenta exatamente esse circuito, pois se pensa que o outro é a causa do sofrimento, quando a causa real é a mente que se amarra ao ódio.

Dica de Aprofundamento: A dica de aprofundamento é ler o capítulo sobre a raiva e o capítulo sobre o ódio no Dhammapada, observando como o texto trata a inimizade não como um problema a ser resolvido pelas circunstâncias externas, mas como um estado da mente que só cessa quando deixa de ser cultivado.

A DIVISÃO DENTRO DA FAMÍLIA E O ABANDONO SOCIAL

Tópico: A política entrou no mundo pessoal das pessoas e hoje divide famílias. Entre espiritualistas, mais de metade relata atritos com parentes por causa de política, e uma parte grande chegou a romper definitivamente o contato. Isso não é normal e

não é acidental, pois o ambiente de radicalismo alimenta esse resultado. Existe uma razão mais profunda para essa tensão. Vivemos num mundo extremamente frio, de abandono, em que quase ninguém pensa em ninguém e as pessoas precisam defender a própria vida com unhas e dentes. Nessa realidade, o voto é percebido como uma defesa pessoal, e não como uma escolha distante e racional. Quem discute política discute, no fundo, o aluguel, a comida do filho, a aposentadoria, a segurança, o próprio trabalho. Não se convence alguém que está passando necessidade com discurso bem elaborado. E é importante observar o ponto que raramente se admite. As convicções costumam seguir a situação de quem as sustenta. Quem cresceu na dificuldade interpreta o mundo de um modo, e quem passou num concurso, mudou de profissão e subiu de vida tende a mudar de lado sem sequer perceber que mudou. O interesse se disfarça de princípio.

Pesquisa Teosófica: No livro O Oceano da Teosofia, William Judge ensina que a personalidade mortal se compõe de Kama, ou natureza passional e emocional, e Prana, ou vitalidade. No livro A Chave para a Teosofia, Helena Blavatsky escreve que *Karma é o filho do Ego terrestre, o fruto das ações da árvore que é a personalidade objetiva visível a todos, tanto quanto o fruto de todos os pensamentos e até mesmo motivos do eu espiritual.* A divisão familiar não é apenas um desentendimento, é carma em movimento, colhendo aquilo que a própria personalidade semeou em pensamentos e motivos aos quais ninguém assistiu. E a mesma obra ensina que o homem, em sua velhice, *colhe justamente a recompensa ou o sofrimento consequente de seus*

pensamentos e ações em cada estágio anterior de sua vida.

Dica de Aprofundamento: A dica de aprofundamento é estudar no livro A Chave para a Teosofia o capítulo sobre o carma, prestando atenção à distinção entre a personalidade visível e o eu espiritual, e observando como os motivos ocultos, e não apenas as ações externas, compõem o resultado cármico.

O UMBRAL E A INDÚSTRIA MAGNÉTICA

Tópico: Existe um nível da existência, próximo ao plano físico e de vibração mais densa, ocupado por consciências que perderam o corpo e permaneceram presas ao desejo que as dominava. Ali não há instituições, leis nem justiça, e o domínio pertence a quem consegue exercer mais força. A vida nesse ambiente gira em torno de obter alimento, e o alimento, nesse grau, é a energia vital produzida pelos seres encarnados. Há, por isso, uma verdadeira indústria magnética. No nível mais simples existe o obsessor isolado, que se aproxima de uma pessoa e suga um pouco de sua vitalidade, como quem retira alguns peixes de um rio. No nível mais amplo existem estruturas organizadas, que precisam de quantidades enormes de energia e por isso dependem de que a produção seja em massa. Essas estruturas não criam a raiva, apenas colhem a que já existe. A questão central é esta, e é decisiva: eles só usam o que nós temos. A energia está disponível porque escolhemos produzi-la. Ninguém é roubado daquilo que não gera.

Pesquisa Teosófica: No livro O Plano Astral, Charles Leadbeater descreve as classes de entidades que se alimentam de vitalidade humana e registra que essas classes, assim como a das sombras e dos invólucros vitalizados, *formam o que se poderia chamar “os vampiros menores”, visto todos procurarem prolongar a existência subtraindo a vitalidade necessária aos seres humanos submetidos à sua influência.* O mesmo autor acrescenta que *buscam constantemente meios para prolongar a existência, quer alimentando-se, como vampiros, da vitalidade de seres humanos, quer influenciando-os a que façam oferendas.* A relação é de dependência, e é isso que explica por que certos ambientes densos se tornam tão insistentes na provocação: onde não há oferta, não há alimento.

Dica de Aprofundamento: A dica de aprofundamento é estudar no livro O Plano Astral, de Charles Leadbeater, a descrição dos invólucros vitalizados e das sombras, observando a diferença entre a entidade que se alimenta por impulso isolado e a que depende de uma corrente constante de energia dirigida a ela.

A DENSIFICAÇÃO DOS ESPÍRITOS E O ENTRELAÇAMENTO DIMENSIONAL

Tópico: Existe uma hipótese que conecta o mundo físico ao plano espiritual por uma espécie de dobra. Assim como a gravidade não age sobre um ponto isolado, mas comprime o espaço em todas as direções, também entre as dimensões vizinhas pode haver uma curvatura que as aproxima em certos pontos. Quando isso ocorre, abre-se uma passagem: parte de

nós transborda para além, e parte do outro lado extravasa para cá. Em períodos de densidade psíquica intensa, essa abertura se amplia. Não é só a energia que transborda em massa, mas também consciências que atravessam e passam a influenciar diretamente o ambiente. Nesses momentos cresce a irritabilidade sem causa aparente, e pessoas que não se conhecem passam mal ao mesmo tempo, com dores de cabeça, mal-estar e náusea. O fenômeno se torna especialmente forte em acontecimentos que concentram atenção mundial, quando um número imenso de mentes se fixa simultaneamente no mesmo ponto emocional. É possível defender-se disso com vigilância interior, com cuidado nas relações em casa e com a recusa consciente de entrar na corrente.

Pesquisa Teosófica: No livro *A Sabedoria Antiga*, Annie Besant define Kamaloka como *literalmente o lugar ou habitat do desejo*, e explica que *é uma parte do plano astral, não dividida dele como uma localidade distinta, mas separada pelas condições de consciência das entidades que lhe pertencem*. As entidades que ali permanecem o fazem por atração de afinidade, e essa afinidade é o próprio elo pelo qual passam a agir sobre os encarnados. No livro *A Sabedoria Antiga*, a mesma autora descreve as subdivisões desse lugar e registra que *a sétima, a mais elevada, subdivisão do Kama-loka, é ocupada quase inteiramente por homens e mulheres intelectuais que foram ou pronunciadamente materialistas enquanto na Terra, ou que estão tão apegados aos modos pelos quais o conhecimento é adquirido pela mente inferior no corpo físico que continuam sua busca pelos velhos métodos*. A cultura da mente inferior, fechada

ao que é sutil, prende a consciência ao grau mais grosseiro.

Dica de Aprofundamento: A dica de aprofundamento é estudar na obra A Sabedoria Antiga, de Annie Besant, o capítulo sobre Kamaloka, observando como as subdivisões desse estado correspondem exatamente ao tipo de desejo que a pessoa cultivou durante a vida.

O QUE SE ALIMENTA DA NOSSA DIVISÃO

Tópico: É preciso perguntar abertamente quem se beneficia de manter a população dividida. Do ponto de vista espiritual, a energia da raiva é dirigida e concentrada, sobretudo pelos controladores magnéticos, que operam como uma cadeia de intermediários: cada um tira a sua parte da fatia, e só os que estão no topo retiram a fatia maior. É uma estrutura idêntica à de um sistema de poder na terra, na qual alguém entra, coloca outro no lugar, que contrata outro, que repassa a terceiros, e cada elo conserva uma porcentagem. No plano astral inferior, o dinheiro que circula é exatamente a energia vital dos seres humanos. Quem detém o controle desse desvio detém o poder. E aqui a divisão política se revela funcional: um sistema que precisa que você esteja em conflito com o vizinho depende diretamente do seu desgaste. Cada briga enfraquece os dois lados e fortalece quem está acima deles. Compreender isso muda o sentido da política, pois a questão deixa de ser qual lado vencerá e passa a ser quanto de si mesmo cada um está disposto a entregar na disputa.

Pesquisa Teosófica: No livro *A Chave para a Teosofia*, Helena Blavatsky escreve que *a crença no Karma é a mais alta razão para a reconciliação com a própria sorte nesta vida, e o mais forte incentivo para o esforço de melhorar o renascimento seguinte*. E acrescenta que o ser colhe, em cada vida, *justamente as consequências de suas ações e pensamentos na existência anterior*. Se toda energia dirigida retorna a quem a emitiu, então a raiva alimentada em massa retorna em massa, e o sistema que a colhe não é externo a nós, é o próprio desenho cármico que ela constrói. Em *O Dhammapada*, o ensinamento é ainda mais direto, pois diz que *a vitória cria o ódio, os derrotados permanecem no sofrimento, mas o homem tranquilo vive com felicidade, sem dar atenção a vitória ou derrota*. A vitória alimentada pela destruição do outro cobra o seu preço de quem venceu.

Dica de Aprofundamento: A dica de aprofundamento é refletir sobre o princípio cármico enunciado em *A Chave para a Teosofia*, aplicando-o ao ambiente coletivo e perguntando-se de que modo o retorno de uma energia emitida por muitos se distribui entre aqueles que a emitiram.

O PRAZER NA DESGRAÇA ALHEIA E A FALTA DE EMPATIA

Tópico: Há um prazer difuso e quase universal em ver o adversário sofrer. No fim de uma eleição, no desfecho de um campeonato, no momento em que o outro lado perde, sente-se uma satisfação que as pessoas raramente admitem. Esse prazer

não é inofensivo nem superficial, pois revela uma falta de empatia que se generaliza e se torna hábito. A definição mais exata desse estado é simples, gostar da dor do outro. E a estrutura é a mesma em todos os casos, seja esporte, política, religião ou qualquer outra disputa, porque o que se busca não é a própria vitória, mas a derrota do outro. É importante examinar esse ponto com honestidade, porque ele é a raiz de onde a raiva coletiva se alimenta. A questão é o que se ganha com a desgraça do outro e por que isso produz prazer. Enquanto essa pergunta não for feita, a pessoa continuará acreditando que sua raiva é justa, quando na verdade ela é apenas o eco de uma satisfação secreta.

Pesquisa Teosófica: No livro *A Voz do Silêncio*, Helena Blavatsky ensina que *viver para servir a humanidade é o primeiro passo*, e adverte que *o caminho aberto é o caminho para a felicidade egoísta, evitado pelos Bodhisattvas do Coração Secreto, os Budas da Compaixão*. A compaixão não é um sentimento vago, é uma escolha de direção, e o prazer na desgraça alheia é a sua exata negação. No livro *A Voz do Silêncio* está escrito ainda que o caminho secreto conduz o Arhan a uma angústia mental inexprimível, com *dor pelos mortos que estão vivos, e compaixão inútil pelos homens da tristeza cármica, e o fruto do Carma não ousam os Sábios fazer parar*.

Quem desperta não deixa de sentir a dor dos outros, apenas deixa de encontrar nela qualquer prazer.

Dica de Aprofundamento: A dica de aprofundamento é ler em *A Voz do Silêncio* o trecho que descreve os dois caminhos,

observando a diferença entre a busca da própria felicidade e a escolha de permanecer junto aos que sofrem.

A CASA DIVIDIDA E A IMPORTÂNCIA DO CONTRADITÓRIO

Tópico: Uma casa dividida não se sustenta, e isso vale para a família, para o grupo e para a nação. Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer que o contraditório é necessário e valioso, porque as pessoas normalmente não ouvem ninguém e vivem apenas dentro do seu próprio ponto de vista. A diferença entre o contraditório e a ruptura está no modo como se recebe a divergência. O contraditório escuta, considera e se deixa transformar pela dor do outro, especialmente por aquela dor que não se conhece por experiência própria. A ruptura apenas recusa a conversa. Aprender a ouvir aquele que sofre algo que talvez nunca se tenha vivido é a condição para reconstruir qualquer unidade. Enquanto o desejo for apenas de vencer a discussão, a casa permanecerá partida, e a partilha de uma ideia comum, que poderia existir sem representantes e sem intermediários, seguirá adiada. A política deixaria de pesar no dia em que as pessoas conseguissem se reconhecer como parte de um mesmo lar.

Pesquisa Teosófica: No livro *Como Viver Neste Mundo*, Jiddu Krishnamurti ensina que *enquanto a minha vida for um campo de batalha, estarei contribuindo para a guerra*. Ele escreve ainda que, olhando esse vasto campo de batalha da vida, vemos que

nele temos de lutar contra o próximo, comparar, julgar, condenar, e conclui que *não há um só ponto isento de conflito, nenhum lugar que não seja um campo de batalha*. A guerra externa, portanto, é a projeção de uma guerra interna que se aceita como natural. No livro *Será que a Humanidade Pode Mudar*, o mesmo autor mostra que *a essência do eu é o processo de identificação*, que inclui a casa, o nome, os haveres, o êxito, o poder e a posição. Enquanto o eu se sustentar pela identificação com um lado, a casa permanecerá dividida, porque cada parte precisa de um oposto para existir.

Dica de Aprofundamento: A dica de aprofundamento é ler em *Como Viver Neste Mundo*, de Jiddu Krishnamurti, o trecho em que ele fala da vida como campo de batalha, observando como o autor liga a violência externa à estrutura interna de comparação e julgamento.

O INTERESSE PESSOAL, O BEM COMUM E O ABANDONO

Tópico: Vivemos num mundo em que cada um corta o bolo para o seu lado, e quase ninguém deseja o bem da sociedade sem incluir a si mesmo nesse bem. Isso é compreensível, porque o abandono é real e ninguém pode ser censurado por defender a própria vida. Mesmo assim, é preciso ver a consequência desse arranjo. Quando todos puxam para si, a falta de consciência se torna geral e as pessoas ficam à deriva. O que falta não é bondade abstrata, mas inteligência. Se alguém acreditasse de

fato na continuidade da vida e na reencarnação, perceberia que a melhor forma de garantir a própria sorte futura é construir um mundo em que nascer não seja uma condenação. Um egoísmo verdadeiramente inteligente ajudaria, porque quem ajuda hoje cria as condições para as próprias vidas seguintes. A equalização de condições, o uso comum dos serviços públicos por quem decide sobre eles e o cuidado com o próximo deixariam de ser sacrifício e passariam a ser cálculo lúcido.

Pesquisa Teosófica: No livro *A Chave para a Teosofia*, Helena Blavatsky resume a doutrina do carma ao registrar que *nós nos tornamos o que somos por ações anteriores e estamos construindo nossa eternidade futura por ações presentes*. Nada é mais prático do que esse princípio, pois ele transforma cada ato cotidiano em construção de destino. A crença no carma, escreve ela, *é a mais alta razão para a reconciliação com a própria sorte nesta vida, e o mais forte incentivo para o esforço de melhorar o renascimento seguinte*. No livro *O Oceano da Teosofia*, William Judge ensina que a reencarnação não é um castigo nem um acaso, mas a continuidade da mesma individualidade que retorna e colhe o que plantou. Ajudar o outro passa a ser, então, uma forma de cuidar de si mesmo através do tempo.

Dica de Aprofundamento: A dica de aprofundamento é estudar em *O Oceano da Teosofia*, de William Judge, a doutrina da reencarnação, observando como a continuidade da individualidade torna inseparáveis o interesse próprio e o bem coletivo.

A CONSCIÊNCIA COMO ÚNICO CAMINHO DE MUDANÇA

Tópico: Não há solução imediata para o peso do ambiente, e convém dizê-lo com clareza. O sistema exige que, para participar dele, a pessoa faça vista grossa ou entre em algum grau de comprometimento, e é muito difícil ser honesto num ambiente corrompido. Enquanto não houver mais consciência, o ciclo se repete, e as gerações seguintes tenderão a reproduzir os mesmos padrões. Não se trata de alimentar ilusão sobre prazos curtos. O que resta a cada um é fazer a sua parte com integridade, não se deixar corromper, acreditar que um mundo melhor é possível, ainda que a sua realização seja distante. É justamente essa persistência que constitui o despertar, e a transformação não virá de fora, virá de dentro, à medida que mais pessoas abandonarem a satisfação na desgraça do outro e a defesa cega do próprio lado. A consciência individual é o único ponto de partida real, porque é o único que está ao alcance de cada um.

Pesquisa Teosófica: No livro *A Voz do Silêncio*, Helena Blavatsky ensina que *viver para servir a humanidade é o primeiro passo*, e descreve o Bodhisattva que, tendo ganho a batalha e com o prêmio na mão, exclama, na sua divina compaixão, renunciando à própria felicidade pela dos outros. No livro *Será que a Humanidade Pode Mudar*, Jiddu Krishnamurti sustenta que a transformação do mundo depende da transformação radical de cada indivíduo, pois *somente nós próprios, como indivíduos*

transformados, seremos capazes de reconstruir o mundo em bases mais propícias à humana felicidade. A ordem não pode ser invertida. Nenhum sistema se torna justo por decreto enquanto as consciências que o compõem permanecerem as mesmas.

Dica de Aprofundamento: A dica de aprofundamento é ler em *Será que a Humanidade Pode Mudar*, de Jiddu Krishnamurti, os trechos que tratam da transformação radical do indivíduo, observando por que o autor insiste que nenhuma mudança coletiva se sustenta sem a mudança interior que a precede.

Gerado por GET HERMES • 2026-10-04 • Saulo Calderon

Bibliografia utilizada: A Chave para a Teosofia; A Sabedoria Antiga; O Plano Astral; O Dhammapada; A Voz do Silêncio